



**SÉRIE DE TEXTOS PARA DISCUSSÃO
DO CURSO DE CIÊNCIAS
ECONÔMICAS
TEXTO PARA DISCUSSÃO N. 069**

**Migração e Mercado de Trabalho na Região Centro-Oeste em
2000 e 2010**

**Kamila de Almeida Santos
Priscila Casari
André da Cunha Bastos**

**NEPEC/FACE/UFG
Goiânia – Dezembro de 2017**



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
GPT/BC/UFG

Santos, Kamila de Almeida. Migração e Mercado de Trabalho na Região Centro-Oeste em 2000 e 2010 /Kamila de Almeida Santos, Priscila Casari, André da Cunha Bastos - 2017.

21 f. (Série de Textos para Discussão do Curso de Ciências Econômicas, 069)

Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Administração, Ciências Contábeis e Ciências Econômicas (FACE), Goiânia, 2017.

1. Migração. 2. Desemprego 3. Ocupações I. Santos, Kamila de Almeida II. Título.

Migração e Mercado de Trabalho na Região Centro-Oeste em 2000 e 2010¹

Kamila de Almeida Santos²
FACE/UFG

Priscila Casari³
PPE/FACE/UFG

André da Cunha Bastos⁴
FACE/UFG

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar a migração e seus reflexos sobre o mercado de trabalho da região Centro-Oeste em 2000 e 2010. Foram utilizados os dados dos Censos Demográficos dos anos de 2000 e de 2010 para comparar as características socioeconômicas, taxas de desemprego e ocupações de migrantes e não migrantes, e comparar os mesmos dados entre os migrantes das diferentes regiões de origem. Os resultados mostraram que o migrante possui mão de obra mais qualificada, porém ele não está tomando o lugar do não migrante no mercado de trabalho, já que a taxa de desemprego caiu proporcionalmente para migrantes e não migrantes. Os migrantes estão empregados em ocupações que exigem melhor qualificação, e os migrantes mais bem qualificados são os oriundos das regiões Sul e Sudeste.

PALAVRAS-CHAVE: Migração. Desemprego. Ocupações. Centro-Oeste

ABSTRACT

The objective of this study is to analyze the migration and its effects on the Midwest region labor market in 2000 and 2010. Data used are from the Demographic Census of 2000 and 2010. We compare the socioeconomic characteristics, unemployment rates and occupations of migrants and non-migrants, and compare the same data among migrants from different regions of origin. The results showed that migrants have more skilled jobs, but they are not taking place of the non-migrants in the labor market, as the unemployment rate fell in proportion to migrants and non-migrants. Migrants are employed in occupations requiring better qualifications and the most qualified migrants come from the South and Southeast regions.

KEYWORDS: Migration . Unemployment. Occupations. Midwest.

JEL: J21; J31; J61

¹ Este artigo é resultado do projeto de pesquisa “Migração e seleção: evidências para o desenvolvimento do estado de Goiás”, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás.

² kamila.as@hotmail.com

³ pricasari@gmail.com

⁴ andrecbastos@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O território brasileiro tem sua formação influenciada por migrações ocorridas por indivíduos que buscam melhores condições de vida e de emprego. Essas migrações geram aumento na disponibilidade de mão de obra. No entanto, a demanda por trabalhadores pode não ser suficiente para suprir a oferta de trabalho, podendo resultar em desemprego. Sendo assim, se faz necessário analisar os impactos que as imigrações causam no mercado de trabalho do local de destino.

Segundo Golgher (2004), as pessoas mudam quando migram e as regiões também mudam quando recebem migrantes. Frequentemente, os migrantes conseguem obter rendas superiores do que teriam em seu local de origem e novas oportunidades educacionais e profissionais são vivenciadas. A migração não é importante apenas para quem se desloca, é também importante para o desenvolvimento de regiões, na troca de experiências e tecnologia entre povos.

A migração traz consequências e elas podem ser estudadas tanto a partir do ponto de vista regional como pessoal. No âmbito regional, as migrações geram o aumento das taxas de crescimento populacional nas regiões que recebem os migrantes. Individualmente, se espera que existam novas oportunidades de estudo, trabalho e lazer, melhores condições de vida e novas realizações pessoais (GOLGHER, 2004).

O migrante apresenta características diferentes do restante da população e uma importante implicação desse fato é que os diferenciais entre migrantes e não migrantes alteram as composições relativas das populações nesses locais. Essa composição impacta diretamente nas características sociais e econômicas de uma região. As regiões que possuem características que atraem os migrantes têm números cada vez maiores de pessoas em idade de trabalhar e buscando empregos e, portanto, causando impacto nas taxas de desemprego (GOLGHER, 2004).

Segundo Almeida et al. (2002), durante a década de 1990, o mercado de trabalho brasileiro sofreu profundas transformações, mostrando o aumento do desemprego. A região Centro-Oeste tornou-se uma região com muitos fatores de atração de migrantes e sofreu uma série de transformações com impactos consideráveis na estrutura produtiva e ocupacional.

Oliveira e Oliveira (2011) mostram que o Censo Demográfico do ano 2000 reafirma as tendências nos fluxos migratórios, mas ainda assim são vistos novos espaços de redistribuição populacional. A região Centro-Oeste se destaca por apresentar saldo positivo na troca com todas as regiões, indicando que a região pode, cada vez mais, estar se tornando um polo de atração de população das demais regiões brasileiras.

Segundo Jardim (2011), os estudos realizados sobre migração não apenas servem para entender como as migrações refletem a estrutura e a dinâmica da economia e da sociedade brasileira, mas também para dar suporte aos planejamentos urbano e regional. Segundo o autor, podem ser elaboradas políticas públicas para atender às novas dinâmicas espaciais da população brasileira.

A partir do exposto, o objetivo geral deste trabalho é analisar a migração e seus reflexos sobre o mercado de trabalho da região Centro-Oeste em 2000 e 2010. Este objetivo será cumprido através dos seguintes objetivos específicos:

- 4 comparar características socioeconômicas, taxas de desemprego e ocupações de migrantes e não migrantes;
- 5 comparar características socioeconômicas, taxas de desemprego e ocupações de migrantes segundo a região de origem.

Para isso, são utilizados dados do Censo Demográfico de 2000 e 2010, focando nos aspectos socioeconômicos e relacionados ao desemprego e à ocupação. O Censo Demográfico

foi escolhido, pois, segundo Campos (2011), fornecem dados diretos sobre os estoques de migrantes.

O trabalho está dividido em cinco seções: a primeira é esta introdução; a segunda seção apresenta uma revisão da literatura sobre a migração associada à região Centro-Oeste e ao mercado de trabalho; a terceira seção trata da metodologia utilizada para a realização deste trabalho; a quarta seção expõe e analisa os resultados; e a última faz as considerações finais.

2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1 O impacto da migração sobre o emprego

Segundo Borjas (2012), o impacto da imigração no mercado de trabalho talvez seja o principal ponto a se abordar sobre a respeito das migrações. Borjas (2012) trata da questão a partir de um modelo simples em que o imigrante é substituto perfeito do trabalhador local e, portanto, eles possuem as mesmas qualificações no mercado de trabalho, logo, os imigrantes competem com os trabalhadores locais por seus cargos. No curto prazo, com a alta oferta de mão de obra, os salários tendem a cair, fazendo com que alguns dos trabalhadores locais saiam do mercado.

Em geral, segundo Ehrenberg e Smith (2000), ocorre um aumento na oferta de mão de obra imigrante para o trabalho pesado, por isso, os salários e os níveis de emprego dos trabalhadores locais são reduzidos. Em resposta a isso, alguns deles deixam o mercado, enquanto outros continuam, mas com baixos salários. A mão de obra barata dos imigrantes, então, beneficia a quem os emprega e aos consumidores que utilizam o produto dessa mão de obra. Sendo assim, não se pode afirmar que a imigração é prejudicial a todos os habitantes da região de destino do migrante.

Borjas (2012), por outro lado, argumenta que a suposição de que os imigrantes tomam as vagas de emprego do trabalhador local é questionável, já que imigrantes e trabalhadores locais poderiam não competir pelo mesmo emprego e, neste caso, seriam forças de trabalho complementares.

Ehrenberg e Smith (2000) afirmam que existe uma alegação “ingênua” de que a migração é prejudicial para os trabalhadores da região de destino do migrante, já que ele estaria ocupando o lugar de um trabalhador local. Essa alegação é baseada em uma análise de um mercado único, onde se considera apenas a mão de obra braçal, ou seja, tanto os imigrantes como os trabalhadores locais disputando uma vaga de um trabalho pesado, e que no final o imigrante ganharia por estar disposto a receber um menor salário.

As empresas que necessitam da mão de obra pesada, no curto prazo, poderão ser beneficiadas, pois terão seus lucros aumentados graças à redução no custo da mão de obra, o que traz aumento nos retornos de capital induzindo mais investimentos na empresa e leva também mais pessoas a se tornarem empregadores (EHRENBERG; SMITH, 2000).

Além disso, segundo Ehrenberg e Smith (2000), os imigrantes também são consumidores e geram aumento na demanda por produtos e serviços no local de destino. Logo, os trabalhadores que, eventualmente, perdem seus empregos por causa dos imigrantes podem se beneficiar de imigração de outra forma, procurando novos trabalhos, devido ao aumento no mercado consumidor.

2.2 Evidências empíricas sobre a relação entre migração e emprego

Um importante aspecto ao analisar os fluxos de pessoas por motivo de trabalho é que geralmente as pessoas se deslocam para lugares que permitem maiores oportunidades de ganhos (EHRENBERG; SMITH, 2000). E quando as pessoas se deslocam, a região que os recebe passa por um crescimento populacional, tornando importante constatar se a região que os recebe sofre impacto em seu mercado de trabalho.

Segundo Muniz (2002), com a desigualdade econômica entre as regiões, as pessoas migram para regiões mais prósperas, pois estas demandam mais trabalho e pagam maiores salários devido à escassez de mão de obra. A migração faria com que os salários nas regiões de origem do migrante aumentassem e diminuíssem nas regiões de destino. Esse processo aconteceria até que os salários nessas regiões se igualassem.

Foram selecionados alguns trabalhos que mostram como a imigração impacta no mercado de trabalho local e como políticas públicas locais ampararam os trabalhadores. A maioria dos trabalhos trata da Região Metropolitana de São Paulo, já que historicamente é uma região com notáveis aspectos migratórios.

Tratando da Região Metropolitana de São Paulo (RMSP), Montagner e Brandão (1996) afirmam que a região foi, até a década de 1970, um importante pólo de atração de migrantes, principalmente por contar com o acesso a bens e serviços de consumo mais modernos e por oferecer postos de trabalho qualitativamente melhores. Nessa época, a RMSP contava com um grande ritmo de criação de postos de trabalho. Esse cenário a partir da década de 1980 é modificado, pois o saldo migratório passa a ser negativo.

Segundo Montagner e Brandão (1996), entre os anos de 1985 e 1995, houve significativa deterioração das condições do mercado de trabalho na RMSP. A mão de obra crescia, porém não estava empregada, gerando um desestímulo aos imigrantes que buscavam oportunidades de trabalho. As autoras colocam que a construção civil e o emprego doméstico são geralmente tratados como as “principais portas de entrada” no mercado de trabalho para o migrante, e que houve expressiva queda na participação do migrante nesse mercado.

Januzzi (2000) afirma que, durante a década de 1980 e início da década de 1990, a Região Metropolitana de São Paulo sofreu redução no fluxo de migrantes, devido ao mercado de trabalho apresentar poucas oportunidades de emprego e com maiores exigências em termos de qualificações.

Cunha e Dedecca (2000) também discutem a migração para a RMSP. Os autores explicam que, nas décadas de 1960 e 1970, o crescimento acelerado do número de imigrantes garantiu maior disponibilidade de força de trabalho em virtude do maior nível de produção na época. Ao final dessa época e na década de 1980, verificou-se crescimento acelerado da população junto à redução dos salários e a consequente perda de vigor da economia, que só não se intensificou devido à queda do saldo migratório na década de 1980.

A análise do cenário da década de 1990 na RMSP realizada por Cunha e Dedecca (2000) mostra que, ao contrário do que se pensava, as taxas de população ocupada e de população desempregada aumentaram tanto para migrantes como para não migrantes. Os autores chegam à conclusão de que os impactos da migração sobre o mercado de trabalho entre as décadas de 1970 e 1990 foram decrescentes e que os problemas existentes no mercado de trabalho na década de 1990 não foram causados pela imigração, mesmo ainda existindo a visão do senso comum na qual a imigração traria efeitos negativos para o mercado de trabalho local.

Silva (2001) mostra como se deu o crescimento da cidade de Natal (RN) a partir da década de 1940. Ele observa que, com o crescimento populacional da cidade, graças à migração, foi possível verificar transformações econômicas, sociais e políticas no estado do Rio Grande do Norte. Em relação ao mercado de trabalho, a capital ofereceu uma margem para que fosse absorvido um maior contingente de mão de obra, resultando na atração de fluxo de mais migrantes.

Em 1959, com a criação da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), o mercado de trabalho em Natal passou a ter novas fontes de trabalho no setor industrial, intensificando ainda mais a vinda de fluxos migratórios, e provocando também a criação de programas habitacionais para atender ao crescimento populacional na cidade. O crescimento populacional provocou também a necessidade de serviços urbanos, gerando a expansão de mais um mercado em Natal, o mercado de serviço terciário. Silva (2001) afirma ainda que as migrações para o Rio Grande do Norte provocaram seu desenvolvimento econômico.

Em seu estudo a respeito das características do imigrante na região Centro-Oeste, Ribeiro e Correa (2009) verificaram que, em Goiás e no Mato Grosso do Sul, o imigrante ganha mais que o residente natural desses dois estados, enquanto que no estado do Mato Grosso os imigrantes têm salários menores do que seus residentes. No estudo do Centro-Oeste, como um todo, os autores constataram que os imigrantes formam um grupo positivamente selecionado, ou seja, são mais motivados, aptos, agressivos e com personalidades empreendedoras em relação aos trabalhadores locais.

Casari e Neves (2015), em seus estudos sobre o perfil do imigrante no Centro-Oeste, também comprovaram que os migrantes são positivamente selecionados, pois são mais qualificados e têm melhor remuneração, em relação ao trabalhador local, além disso, os autores verificaram que os imigrantes apresentam maior chance de encontrar emprego em relação ao trabalhador local.

2.3 Centro-Oeste: região de atração de migrantes

Segundo Cunha (2001), a partir da década de 1950 é possível verificar o intenso fluxo de chegada de imigrantes na região Centro-Oeste, que se fortalece nas décadas seguintes devido à “Marcha para Oeste”. Priori et al. (2012) explica que, a Marcha para Oeste foi uma campanha nacionalista do governo Getúlio Vargas que objetivava ocupar todos os espaços demográficos brasileiros vazios e a nacionalizar as fronteiras do país, estimulando desenvolvimento e integração nacional.

Almeida et al. (2002) exibem um panorama sobre os aspectos gerais do mercado de trabalho na região Centro-Oeste e como as migrações para esta região atuaram na ocupação laboral dos indivíduos migrantes. Utilizando dados da PNAD, foi possível verificar diversas informações sobre o comportamento do mercado de trabalho na década de 1990, na região Centro-Oeste. Houveram significativos fluxos migratórios para o Centro-Oeste motivados por incentivos governamentais na década de 1970, sendo que na década de 1990 a região se mostrou com a maior variação do número de pessoas ocupadas em relação as outras regiões brasileiras.

De acordo com Cunha (2001), já em meados de 1980, é registrada queda na quantidade recebida de migrantes. O autor mostra que houve queda no crescimento demográfico do Centro-Oeste entre as décadas de 1980 e 1990, que se apresentam, dentre outros motivos, pela redução na quantidade de migrantes recebidos. As análises de Cunha (2001) exibiram, ainda assim, que mesmo sofrendo queda, o processo de migração para as áreas de fronteira ainda eram notáveis na década de 1990.

Oliveira e Oliveira (2011) expõem um panorama da migração interna no Brasil do final do Século XX, mostrando que o Censo 2000 confirmou algumas tendências nos fluxos migratórios e apresentou novos espaços de redistribuição populacional. O Censo aponta que a região Centro-Oeste possui destaque por apresentar um saldo positivo na migração entre as regiões do Brasil, o que mostra indícios da região estar se tornando uma importante região de atração de população das demais regiões brasileiras.

Uma análise geral do Brasil apontou que, nos cinco últimos anos do Século XX, as migrações em alguns espaços territoriais estão se refazendo e o cenário observado demonstra regiões de baixa à média evasão ou absorção migratória e muitas áreas de rotatividade migratória, onde foi observado equilíbrio entre as entradas e saídas de migrantes (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2011).

Segundo Baeninger (2008), as migrações brasileiras no início dos anos 2000 “redefinem seus pólos”, aparecendo novas tendências de migração registradas no período entre os anos 2001 e 2006, onde se observa, dentre outros estados, Mato Grosso e Goiás como áreas de grande número de retenção migratória. Em uma exposição de dados a respeito das migrações entre regiões brasileiras, Baeninger (2008), mostra que, entre os anos de 2001 e 2006, o Centro-Oeste se mostrou como a única região que se encontrava onde mais se recebia migrantes no país, com saldo migratório positivo.

De acordo com Juttel (2007), alguns acontecimentos das últimas décadas, como a urbanização em outros estados, a estagnação econômica e a descentralização do setor industrial, levaram o estado de São Paulo e seus vizinhos a perderem soberania no que se refere a desenvolvimento regional. Goiás e Mato Grosso, localizados na região Centro-Oeste, foram dois dos estados que, atualmente, apresentam melhores taxas crescimento econômico atraindo, assim, migrantes, principalmente nordestinos, que mudam para essas regiões buscando melhores condições de vida e melhores empregos.

Na próxima seção, é apresentada a metodologia.

3. METODOLOGIA

Para que se possa analisar a migração e seus reflexos sobre o mercado de trabalho da região Centro-Oeste em 2000 e 2010, são utilizados os dados do Censo Demográfico dos anos de 2000 e de 2010. Essa base de dados foi escolhida em consequência de sua ampla abrangência de informações acerca da migração e a respeito da população brasileira.

Como, neste trabalho, são comparados os migrantes em duas décadas em sequência, são considerados migrantes apenas aqueles indivíduos que migraram para a região Centro-Oeste nos períodos intercensitários. Dessa forma, no ano de 2000, é considerada a migração que ocorreu entre 1991 e 2000 e, no ano de 2010, a migração ocorrida entre 2000 e 2010. Essa restrição é importante para que não haja dupla contagem de migrantes.

Foram feitas comparações entre as características socioeconômicas, taxas de desemprego e ocupações de migrantes e não migrantes e entre os migrantes, segundo a região de origem.

As características socioeconômicas analisadas são:

- 4 Região de origem: distribuição percentual da região de origem, apresentadas para os indivíduos que migraram nos dez anos anteriores a cada pesquisa;
- 5 Sexo: distribuição percentual de homens e mulheres na população;
- 6 Idade: idade média, em anos, do migrante e não migrante;
- 7 Escolaridade: distribuição percentual por faixa de ensino (fundamental incompleto, médio incompleto, superior incompleto e superior completo).

Além disso, foram comparadas também variáveis diretamente relacionadas ao mercado de trabalho:

- 8 População Economicamente Ativa (PEA): percentual de migrantes e não migrantes que estão empregados ou procurando emprego;
- 9 Taxa de desemprego: percentual de desempregados;
sendo que a taxa de desemprego é calculada através da fórmula:

$$taxa\ de\ desemprego = \frac{PD}{PEA} * 100$$

Em que *PD* corresponde à População Desempregada e *PEA* corresponde à População Economicamente Ativa. Por meio dos resultados obtidos verifica-se a distribuição ocupacional dos migrantes entre os anos de 2000 e de 2010.

E, para os indivíduos ocupados:

10 Rendimento Total: média do rendimento total mensal, em Reais (calculado para todos os indivíduos que possuíam rendimento de qualquer fonte positivo);

11 Rendimento do Trabalho Principal: média do rendimento do trabalho principal, em Reais (calculado apenas para os indivíduos ocupados).

Por último, é realizada uma avaliação da composição da população ocupada segundo os grandes grupos de ocupações do IBGE.

12 Categorias de ocupação: distribuição percentual dos indivíduos ocupados entre os grandes grupos de acordo com a classificação de ocupação para pesquisas domiciliares do IBGE para migrantes e não migrantes. São eles:

- a) Diretores e gerentes;
- b) Profissionais das ciências e intelectuais;
- c) Técnicos e profissionais de nível médio;
- d) Trabalhadores de apoio administrativo;
- e) Trabalhadores dos serviços e comércio;
- f) Trabalhadores qualificados da agropecuária;
- g) Trabalhadores da construção e operários;
- h) Operadores de máquinas e montadores;
- i) Ocupações elementares;
- j) Membros das forças armadas, policiais e bombeiros;
- k) Ocupações mal definidas.

4. RESULTADOS

Nesta seção, são apresentados os resultados obtidos através dos Censos Demográficos dos anos de 2000 e 2010. Primeiro, são observadas as características de migrantes e não migrantes, depois é feita uma comparação entre os migrantes segundo a região de origem.

4.1 Comparação entre migrantes e não migrantes

Os dados obtidos apontaram que a proporção da população formada por migrantes no Centro-Oeste, do ano de 2000 para o ano de 2010 diminuiu. Em 2000, a porcentagem de migrantes na região era de 14,59% e, em 2010, passou a ser 10,02%.

O Gráfico 1 mostra a porcentagem de homens e mulheres, migrantes e não migrantes, que fazem parte da população do Centro-Oeste, nos períodos em questão.

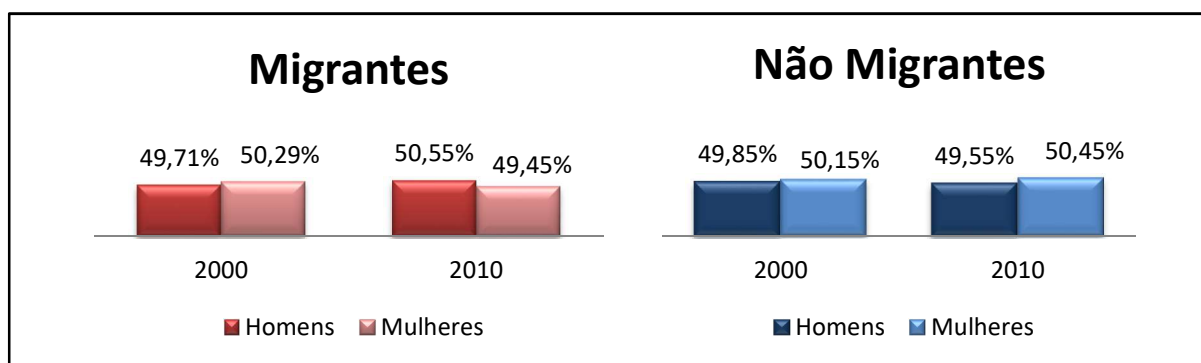


Gráfico 1– Composição da população migrante e não migrante por sexo

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados dos Censos Demográficos de 2000 e 2010.

Apesar da pequena diferença nas porcentagens analisadas nos gráficos, é possível notar, no Gráfico 1, que o percentual de migrantes homens cresceu de 2000 para 2010.

A população feminina é relativamente maior no grupo de não migrantes. Entre os migrantes, no ano 2000, houve esse mesmo padrão, menos homens e mais mulheres, mas em 2010 o cenário muda e essa proporção se inverte, 50,55% da população migrante em 2010 no Centro-Oeste é formada por homens.

Quanto à idade da população, a média da idade dos migrantes é de 26,31 anos e dos não migrantes é de 27,52 anos, no ano de 2000. No ano de 2010, a média da idade sobre nos dois grupos, os migrantes têm 29,51 anos e os não migrantes, 30,59 anos.

O gráfico 2 apresenta os níveis de escolaridade de migrantes e não migrantes.

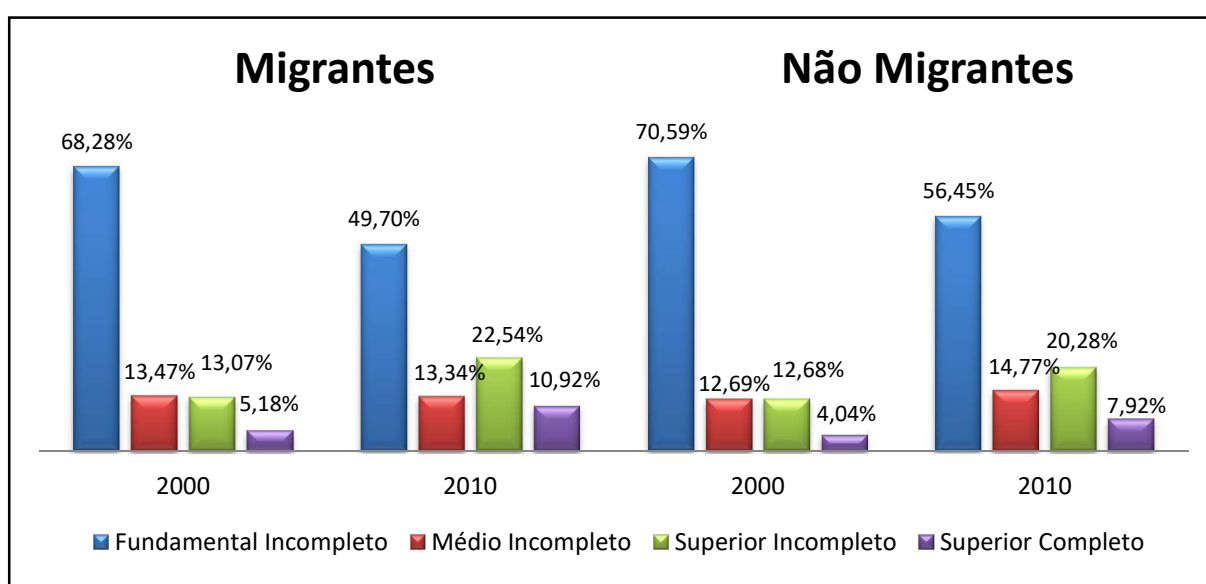


Gráfico 2 – Níveis de escolaridade de migrantes e não migrantes

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados dos Censos Demográficos de 2000 e 2010.

De 2000 para 2010, tanto os migrantes como os não migrantes melhoraram seus índices de escolaridade. A taxa de pessoas que possuem o ensino superior completo cresceu e a taxa de pessoas que possuem apenas ensino fundamental diminuiu para os dois grupos.

Comparando migrantes e não migrantes, é possível observar que os migrantes possuem melhor qualificação nos dois períodos analisados. Eles passaram de 5,18% de pessoas com ensino superior completo, em 2000, para 10,92%, em 2010. Além disso, nos dois períodos, a

proporção de migrantes com ensino fundamental incompleto é menor em relação aos não migrantes.

Espera-se que uma melhor qualificação geral da população gere menores taxas de desemprego, melhores ocupações e melhores salários. Camargo e Reis (2005) confirmam essa tendência que existe, na qual a taxa de desemprego dos trabalhadores qualificados é menor.

Mesmo com a situação melhorando em 2010, o Gráfico 2 mostra que é pequena a proporção de pessoas, em geral, que possuem ensino superior no Centro-Oeste.

O Gráfico 3 apresenta a População Economicamente Ativa – PEA. A PEA corresponde ao grupo de pessoas ocupadas em conjunto com o grupo de pessoas desocupadas que estão dispostas a trabalhar.

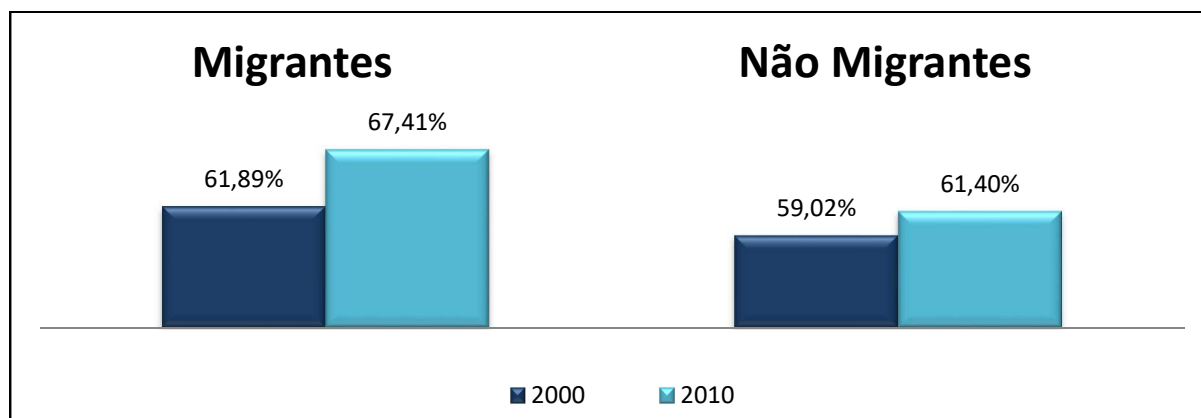


Gráfico 3 – População Economicamente Ativa

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados dos Censos Demográficos de 2000 e 2010.

O Gráfico 3 deixa claro que a taxa de pessoas que fazem parte da PEA de migrantes e não migrantes cresceu de 2000 para 2010, apresentando maiores taxas para migrantes nos dois períodos. Ou seja, a população migrante possui maior mão de obra disponível ativa (trabalhando ou desempregada), em proporção, em relação aos não migrantes.

É esperado que a taxa da PEA seja maior para os migrantes, pois muitas pessoas que migram, o fazem por questões de melhores condições de trabalho, então se o indivíduo migra para procurar emprego, ele não fará parte na população inativa, que é quem está excluído da PEA.

O Gráfico 4 mostra as taxas de desemprego de migrantes e não migrantes em 2000 e em 2010.

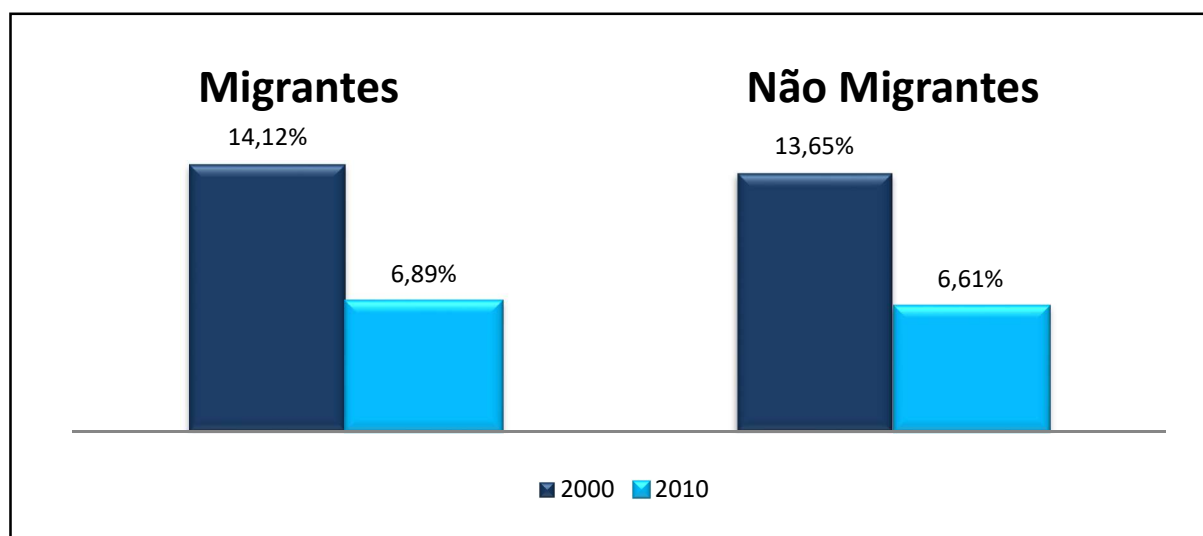


Gráfico 4 – Taxa de desemprego para migrantes e não migrantes

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados dos Censos Demográficos de 2000 e 2010.

A população não migrante na região Centro-Oeste apresenta menor taxa de desemprego do que a população migrante nos dois períodos analisados. Deve-se ressaltar que, embora o migrante apresente, em média, melhor qualificação, ainda tem mais dificuldade de se inserir no mercado de trabalho.

O desemprego em 2010 teve significativa redução em relação a 2000 tanto para migrantes como para não migrantes, o que mostra uma melhoria nas condições de trabalho na região.

O Gráfico 5 mostra a média da renda nominal de migrantes e não migrantes nos períodos analisados neste trabalho.

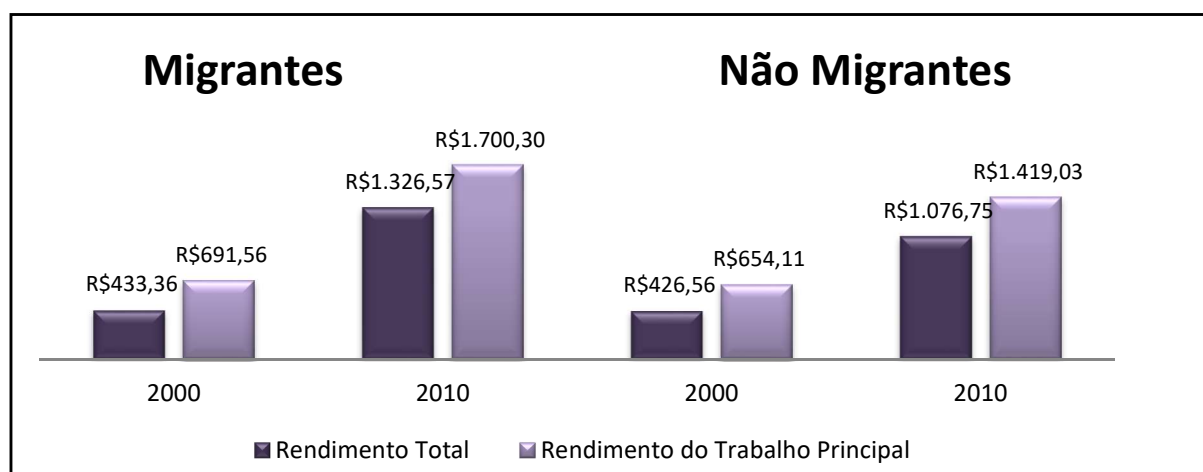


Gráfico 5 – Rendimentos dos migrantes e não migrantes

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados dos Censos Demográficos de 2000 e 2010.

O rendimento total corresponde aos ganhos de todas as fontes e o rendimento do trabalho principal é o salário dos indivíduos ocupados, ambos mostrados em Reais.

Embora os migrantes apresentem maiores taxas de desemprego, é notório que eles possuem médias de rendimentos maiores que as dos não migrantes. A diferença salarial em

2010 é de quase R\$ 300,00 de um grupo para o outro. Essa diferença pode existir, dentre outros motivos, pelo nível de escolaridade. Observou-se no Gráfico 2, que os migrantes possuem melhores níveis de escolaridade, portanto, é esperado que possuam rendimentos maiores.

O Gráfico 6 mostra os tipos de emprego de migrantes e não migrantes.

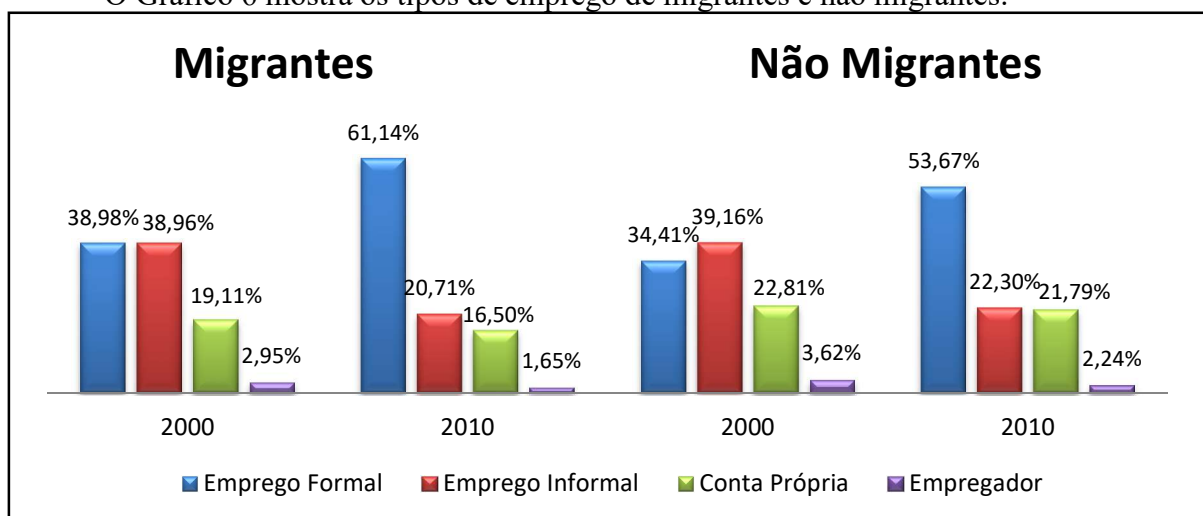


Gráfico 6 – Tipos de emprego de migrantes e não migrantes

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados dos Censos Demográficos de 2000 e 2010.

Segundo o Gráfico 6, do ano 2000 para o ano 2010, as taxas de pessoas que empregam, que trabalham por conta própria e que trabalham em empregos informais caíram. Em contrapartida, a taxa de indivíduos ocupados em empregos formais subiu consideravelmente nos dois grupos pesquisados. Esse fato pode estar relacionado à melhoria das condições de trabalho e ter como consequência o aumento no rendimento.

Observa-se uma redução na taxa de trabalhadores com emprego informal tanto na população migrante, como na não migrante. Pode-se inferir que houve uma transição do trabalhador informal para o trabalho formal.

Menezes Filho, Mendes e Almeida (2004) puderam constatar em seu trabalho que o nível salarial é mais influenciado pela escolaridade do indivíduo do que pelo fato de o emprego ser formal ou não. E isso vai contra ao que se acredita no senso comum, segundo o qual, os trabalhadores formais teriam maior remuneração, pois possuiriam proteção legal. Os autores concluem em seus estudos que, a diferença entre os trabalhadores formais e informais, em relação aos seus salários, resulta da melhor qualidade da força de trabalho empregada no setor formal.

A Tabela 1 mostra os tipos de ocupações em que estão inseridos migrantes e não migrantes.

Tabela 1 – Categorias de ocupação de migrantes e não migrantes

TIPOS DE OCUPAÇÕES (em %)	Migrantes		Não Migrantes	
	2000	2010	2000	2010
Diretores e gerentes	5,05	4,12	4,93	3,84
Profissionais das ciências e intelectuais	6,24	8,42	5,24	7,63
Técnicos e profissionais de nível médio	6,01	5,55	7,17	5,68
Trabalhadores de apoio administrativo	7,08	5,30	8,30	6,26
Trabalhadores dos serviços e comércio	34,31	14,96	30,58	16,16
Trabalhadores qualificados da agropecuária	14,37	6,49	17,97	10,34
Trabalhadores da construção e operários	18,13	12,41	17,69	11,26
Operadores de máquinas e montadores	3,41	8,61	2,84	8,51
Ocupações elementares	2,53	23,92	2,55	21,39
Membros das forças armadas, policiais e bombeiros	1,62	1,32	1,23	0,59
Ocupações mal definidas	1,24	8,90	1,50	8,34

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados dos Censos Demográficos de 2000 e 2010.

Segundo a tabela 1, no ano 2000, a classe de ocupação que contava com a maior proporção de migrantes e não migrantes era a de trabalhadores dos serviços e comércio, que inclui serviços como os de vendedor, comerciante, guarda de segurança, frentista, entre outros trabalhadores. Em 2010, a porcentagem de trabalhadores dos serviços e comércio teve uma considerável redução, e a classe que passa a conter maior porcentagem de trabalhadores inseridos é a de trabalhadores elementares, que engloba trabalhadores domésticos e de limpeza, vendedores ambulantes, coletores de lixo, entre outros.

Aparentemente os trabalhadores dos serviços e comércio possuem o mesmo nível de qualificação dos trabalhadores elementares. Com a análise de apenas esses dois grupos, não é possível constatar se melhorou ou piorou a situação dos trabalhadores de forma geral.

Analisando os grupos que provavelmente são os de trabalhadores mais qualificados, que são os diretores e gerentes e profissionais das ciências e intelectuais, nota-se que apenas o grupo de profissionais das ciências e intelectuais aumentou, em porcentagem, para os dois grupos e no período.

Nas ocupações de diretores e gerentes e de profissionais das ciências e intelectuais, os migrantes estão mais bem posicionados, tanto em 2000 como em 2010, em relação aos não migrantes, ou seja, não se pode inferir, como é normal no senso comum, que os migrantes ocupam apenas cargos inferiores aos dos não migrantes.

Os dados apresentados nesta seção mostram que, mesmo reduzindo sua participação no quantitativo da população da região Centro-Oeste, os migrantes apresentam, em proporção, uma mão de obra mais qualificada, pois possuem maior nível de escolaridade. Os migrantes já inseridos no mercado de trabalho possuem melhor condição quando se trata de salários, já que nos dois períodos analisados seus ganhos são maiores e ainda cresceram em maior proporção.

As análises desta seção também tornam possível inferir que, provavelmente, o migrante não esteja tomando o emprego do não migrante, já que a taxa de desemprego, tanto para migrantes quanto para não migrantes caiu de forma considerável de 2000 para 2010, para taxas semelhantes entre esses grupos. Assim como argumentou Borjas (2012), migrantes e não migrantes podem não estar competindo por uma mesma vaga de trabalho, a chegada do migrante pode complementar a força de trabalho do não migrante.

Silva (2001), analisando o caso da cidade de Natal (RN), observou que a migração pode trazer benefícios para o local de destino do migrante. Movimenta-se mais a economia, pois o consumo aumenta, é gerada a necessidade de outros serviços, podendo provocar o desenvolvimento econômico do local. Ehrenberg e Smith (2000), também apresentaram alguns benefícios da migração para os não migrantes, pois, segundo os autores, os imigrantes também são consumidores, o que os tornam demandantes de produtos e serviços, portanto, os não migrantes podem beneficiar de imigração, procurando novos trabalhos, por causa do aumento no mercado consumidor.

4.2 Comparação entre os migrantes por região de origem

O Gráfico 7 mostra a porcentagem de migrantes vindos das demais regiões brasileiras para o Centro-Oeste nos anos 2000 e 2010.

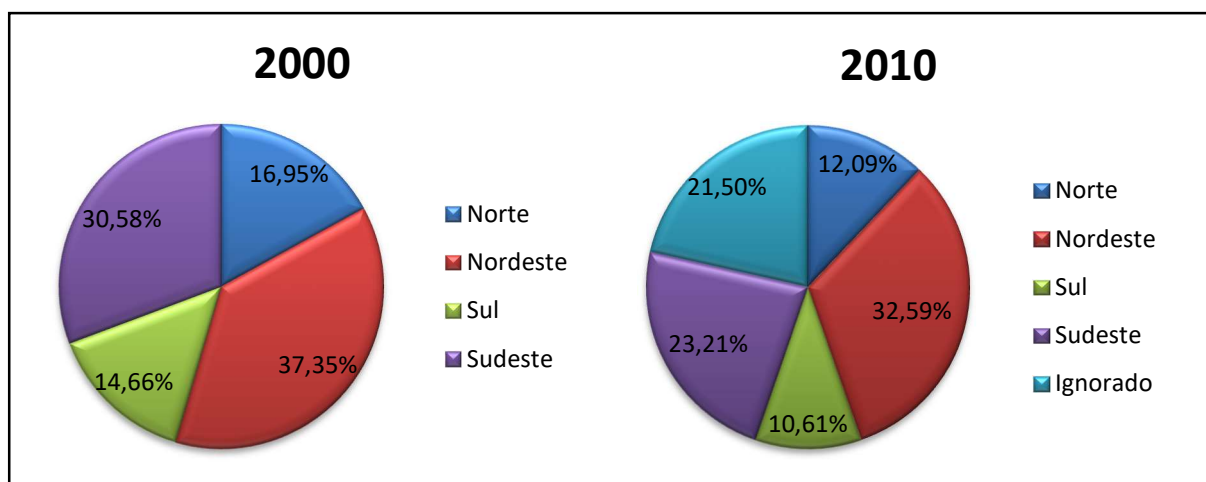


Gráfico 7 – Região de Origem dos Migrantes

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados dos Censos Demográficos de 2000 e 2010.

É possível verificar a redução no percentual dos indivíduos que migraram das quatro regiões em análise, do ano 2000 para o ano 2010. Com destaque para a região Sudeste, que sofreu, em proporção, maior perda. Vale salientar que, ainda assim, a região Sudeste tem porcentagem considerável de migrantes no Centro-Oeste nos dois períodos analisados. Em 2000, foram registrados 30,58% dos migrantes oriundos do Sudeste do Brasil, e em 2010 foram registrados 23,21% de migrantes que vieram da mesma região.

Existe uma parcela chamada de "Ignorado", que são os migrantes que não informaram sobre sua origem. Em 2000, eles não estão relacionados, pois não houve esse problema. Já em 2010, eles correspondem a 21,50% dos migrantes e podem ser oriundos de qualquer uma das demais regiões. Provavelmente a composição de "Ignorado" corresponde à perda de porcentagem de migrantes das outras regiões.

Nota-se que os migrantes oriundos da região Nordeste, são os que mais possuem participação na composição do total de migrantes na região Centro-Oeste nos dois períodos. Mesmo com sua participação caindo, ainda em 2010, a proporção de migrantes nordestinos na região Centro-Oeste foi significativa.

A Tabela 2 e a Tabela 3 apresentam os dados dos migrantes oriundos das demais regiões brasileiras nos anos 2000 e 2010, respectivamente.

Tabela 2 – Dados dos migrantes por região de origem no ano de 2000

	Norte	Nordeste	Sul	Sudeste
Homens (%)	48,54	47,52	51,84	50,42
Idade (anos)	25,62	25,95	28,59	29,14
Pessoas Brancas ou Amarelas (%)	42,59	37,04	74,95	58,95
Ensino Fundamental Incompleto (%)	70,01	72,07	60,13	56,71
Ensino Médio Incompleto (%)	14,37	13,69	15,53	17,95
Ensino Superior Incompleto (%)	12,53	10,82	17,45	18,28
Ensino Superior Completo (%)	3,09	3,42	6,88	10,05
PEA (%)	61,47	64,68	64,61	62,91
Desempregados (%)	15,23	16,80	9,24	13,35
Trabalham em emprego formal (%)	33,94	45,01	35,70	37,84
Trabalham em emprego informal (%)	43,84	40,09	36,16	37,93
Trabalham por conta própria (%)	20,05	13,89	22,82	19,95
São Empregadores (%)	2,17	1,01	5,32	4,27
Renda do Trabalho Principal (R\$)	532,91	457,96	966,24	971,17
Renda Total (R\$)	324,78	284,71	662,49	635,49

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados dos Censos Demográficos de 2000 e 2010.

Tabela 3 – Dados dos migrantes por região de origem no ano de 2010

	Norte	Nordeste	Sul	Sudeste	Ignorado
Homens (%)	48,73	50,33	51,62	51,84	50,01
Idade (anos)	26,58	27,22	32,43	31,64	30,91
Pessoas Brancas ou Amarelas (%)	32,39	28,96	73,72	55,76	44,30
Ensino Fundamental Incompleto (%)	54,11	55,35	41,96	41,15	51,69
Ensino Médio Incompleto (%)	17,65	18,38	15,61	13,93	15,50
Ensino Superior Incompleto (%)	21,45	21,17	24,45	24,80	21,82
Ensino Superior Completo (%)	6,19	4,54	17,59	19,76	10,44
PEA (%)	63,84	69,67	69,17	66,95	65,54
Desempregados (%)	7,45	8,15	4,63	6,65	6,46
Trabalham em emprego formal (%)	55,69	65,71	57,80	62,18	57,28
Trabalham em emprego informal (%)	26,22	22,16	17,57	17,53	20,75
Trabalham por conta própria (%)	16,93	11,60	21,45	18,11	19,68
São Empregadores (%)	1,16	0,53	3,19	2,18	2,28
Renda do Trabalho Principal (R\$)	1.218,87	1.109,40	2.125,07	2.556,35	1.712,98
Renda Total (R\$)	963,56	830,27	1.727,66	1.999,15	1.349,61

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados dos Censos Demográficos de 2000 e 2010.

A porcentagem de homens migrantes é maior nos dois períodos analisados para os indivíduos oriundos das regiões Sul e Sudeste. Essas regiões são as que trazem para o Centro-Oeste os indivíduos mais velhos e possuem maior proporção de pessoas brancas ou amarelas, com destaque para a região Sul, que em 2000, 74,95% de seus imigrantes no Centro-Oeste, eram brancos ou amarelos e em 2010, esse percentual é de 73,92%.

Quando se trata de escolaridade, nos dois períodos, a porcentagem de migrantes com ensino fundamental incompleto é a maior para os migrantes vindos de todas as regiões em análise. Porém, é preciso considerar a redução nessa taxa de uma década a para outra, juntamente com o aumento no número de migrantes com ensino superior completo. Destacam-se os migrantes oriundos das regiões Sul e Sudeste. Em 2010, os migrantes vindos do Sul apresentaram uma taxa na participação no ensino superior completo de 17,59%, enquanto os migrantes vindos dos Sudeste apresentaram uma taxa de 19,76% de indivíduos com o ensino superior completo.

A PEA tem proporções parecidas para os migrantes vindos das quatro regiões do país, porém, é possível notar que ela é maior para os migrantes do Nordeste e do Sul, os quais são, provavelmente, os indivíduos que mais migram pela questão de emprego.

Assim como na análise geral do desemprego, feita no Gráfico 4, é possível verificar uma considerável redução, para os quatro grupos analisados nesta seção, na taxa de desemprego de

2000 para 2010. As regiões Nordeste e Sul se destacam, a região Sul apresenta menores taxas nos dois períodos, enquanto a Nordeste apresenta maiores taxas.

As regiões Sul e Nordeste, como visto anteriormente, possuem maiores taxas de PEA, ou seja, novamente é possível verificar como a qualificação é importante no mercado de trabalho, pois as duas regiões possuem imigrantes no Centro-Oeste, com a mesma proporção de participantes na PEA, e provavelmente devido aos menores índices de escolaridade, os migrantes oriundos do Nordeste são menos qualificados, portanto possuem maior taxa de desemprego. De acordo com Juttel (2007), os estados da região Centro-Oeste recebem principalmente nordestinos, que mudaram em busca de melhores condições de vida e melhores empregos.

Os migrantes vindos da região Sul também se destacam quanto ao tipo de emprego, pois fazem parte do grupo, dentre os quatro analisados, que mais possui empregadores. Os migrantes do Sul e do Sudeste possuem maiores rendimentos que os migrantes do Norte e do Nordeste. Destacam-se os migrantes do Sudeste, que no ano 2010, têm seu rendimento total maior que o dobro dos rendimentos totais dos migrantes do Norte e do Nordeste.

A Tabela 4 e a Tabela 5 apresentam os tipos de ocupação dos migrantes vindos das demais regiões do Brasil no ano 2000 e no ano 2010, respectivamente.

Tabela 4 – Tipos de ocupação dos migrantes segundo a região de origem no ano de 2000

TIPOS DE OCUPAÇÕES (em %)	Norte	Nordeste	Sul	Sudeste
Diretores e gerentes	3,48	2,17	7,78	7,48
Profissionais das ciências e intelectuais	4,08	3,63	7,16	11,19
Técnicos e profissionais de nível médio	5,67	4,00	6,51	8,12
Trabalhadores de apoio administrativo	6,71	6,88	7,13	8,00
Trabalhadores dos serviços e comércio	34,88	45,53	24,62	28,75
Trabalhadores qualificados da agropecuária	15,82	9,65	21,18	12,42
Trabalhadores da construção e operários	19,59	19,94	17,06	14,86
Operadores de máquinas e montadores	4,02	3,75	3,60	2,83
Ocupações elementares	2,53	2,36	2,57	2,27
Membros das forças armadas, policiais e bombeiros	1,50	1,21	1,28	2,90
Ocupações mal definidas	1,72	0,88	1,10	1,17

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados dos Censos Demográficos de 2000 e 2010.

Tabela 5 – Tipos de ocupação dos migrantes segundo a região de origem no ano de 2010

TIPOS DE OCUPAÇÕES (em %)	Norte	Nordeste	Sul	Sudeste	Ignorado
Diretores e gerentes	2,56	1,51	7,12	6,07	4,52
Profissionais das ciências e intelectuais	5,72	3,29	12,72	14,00	8,07
Técnicos e profissionais de nível médio	4,30	3,97	6,70	7,44	5,61
Trabalhadores de apoio administrativo	5,48	4,48	5,70	5,69	5,73
Trabalhadores dos serviços e comércio	16,79	14,84	13,15	13,71	17,02
Trabalhadores qualificados da agropecuária	9,01	4,56	9,46	5,88	6,56
Trabalhadores da construção e operários	12,96	14,28	10,12	10,89	12,71
Operadores de máquinas e montadores	8,81	8,05	11,25	7,90	8,22
Ocupações elementares	25,16	34,14	15,17	17,00	22,05
Membros das forças armadas, policiais e bombeiros	1,29	0,82	1,18	2,60	0,70
Ocupações mal definidas	7,92	10,05	7,45	8,81	8,82

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados dos Censos Demográficos de 2000 e 2010.

O grupo de ocupações que se destaca para os migrantes como um todo, no ano 2000, é o grupo de trabalhadores dos serviços e comércio, que sofre uma perda significativa em sua porcentagem. Ao contrário, o grupo de ocupações elementares tem aumento significativo em 2010.

Nas Tabelas 4 e 5, é possível notar que, do ano 2000 para o ano 2010, houve redução nas porcentagens de migrantes de todas as origens que ocupam cargos de diretores e gerentes, e houve aumento na porcentagem de migrantes que ocupam cargos de profissionais das ciências e intelectuais para os migrantes das regiões Norte, Sul e Sudeste. Para os migrantes da região Nordeste, houve uma pequena redução (de 3,63% para 3,29%) da proporção de profissionais das ciências e intelectuais.

Os cargos de diretores e gerentes e de profissionais das ciências e intelectuais são os melhores cargos, ou seja, os cargos que exigem maior qualificação, e os migrantes oriundos das regiões Sul e Sudeste se destacam por terem maior proporção de indivíduos que integram esses cargos em relação aos migrantes oriundos das outras regiões. No ano 2010, por exemplo, 7,12% dos migrantes oriundos da região Sul ocupam cargos de diretores e gerentes, enquanto migrantes oriundos da região Nordeste ocupam apenas 1,51% desses cargos; e 14,00% dos migrantes vindos da região Sudeste são profissionais das ciências e intelectuais, ao passo que somente 5,72% dos migrantes do Norte ocupam esse mesmo cargo.

Na Tabela 5, assim como na Tabela 3, o grupo “Ignorado” não se assemelha completamente com nenhuma das regiões, em nenhuma das duas tabelas, portanto é provável que os resultados desse grupo sejam uma média dos resultados das quatro regiões.

O grupo de ocupações mal definidas se destacou como uma ocupação em que cresceu consideravelmente a participação dos migrantes das quatro regiões, inclusive tem expressiva participação de “Ignorado” no ano 2010. Este é um grupo em que não é estabelecido nenhum

tipo de trabalho, e pode estar englobando trabalhadores formais, informais, trabalhadores por conta própria empregadores. Portanto, nada se pode inferir sobre as ocupações mal definidas e sua relação com os migrantes.

É possível considerar os migrantes oriundos das regiões Sul e Sudeste como mais qualificados. São dois grupos de migrantes, cujos indivíduos são mais velhos e mais escolarizados. Eles apresentam sua renda significativamente maior que os migrantes vindos das outras regiões, menores taxas de desemprego, além de haver mais empregadores e mais pessoas com melhores ocupações no mercado de trabalho. Conforme foi dito anteriormente, os migrantes vindos do Norte e do Nordeste provavelmente são indivíduos que saíram de suas regiões em busca de melhores condições de trabalho, e são trabalhadores com mão de obra menos qualificada.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como foco a análise da migração e seus reflexos sobre o mercado de trabalho da região Centro-Oeste em 2000 e 2010. Foram comparadas as características socioeconômicas, as taxas de desemprego e as ocupações de migrantes e não migrantes e analisados somente o grupo dos migrantes segundo suas regiões de origem.

Os dados obtidos através dos Censos Demográficos dos anos de 2000 e 2010 mostraram que a proporção de migrantes no Centro-Oeste diminuiu, mas que sua presença na região apontou características relevantes para o mercado de trabalho.

Os resultados obtidos mostraram que os migrantes apresentam mão de obra mais qualificada por possuírem maior nível de escolaridade, e, conseqüentemente, melhores salários. Os migrantes também possuem maior proporção de indivíduos que fazem parte dos grupos de ocupação que exigem maior qualificação.

A taxa de desemprego, que caiu para migrantes e não migrantes, tornou possível deduzir que o migrante não está tomando o lugar do não migrante no mercado de trabalho. Os migrantes podem estar complementando a força de trabalho do não migrante.

Entre os migrantes, os que são oriundos das regiões Sul e Sudeste apresentam melhores condições no mercado de trabalho, pois possuem melhores níveis de escolaridade, e, conseqüentemente, menores taxas de desemprego e maior renda, com relação aos migrantes das regiões Norte e Nordeste.

A chegada do migrante parece ter trazido benefícios para a região Centro-Oeste. São migrantes com diferentes tipos de mão de obra, que talvez sejam escassas na região. Sendo assim, é provável que a região continue recebendo migrantes.

Com a chegada de mais mão de obra migrante, é recomendável que a população do Centro-Oeste se qualifique para o mercado de trabalho, para que não haja substituição de mão de obra local por migrante.

Os Governos de Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal podem se unir para promover programas de ensino que ajudem a qualificar melhor toda a população, e ainda promover a chegada dos diferentes tipos de mão de obra oferecida pelos migrantes.

Futuros estudos podem analisar os impactos da migração nas grandes cidades da região Centro-Oeste na que se trata do desenvolvimento social e urbano, e como isso afeta a economia da região.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Gisele Maria R. et al. Mercado de Trabalho e Migração no Centro-Oeste Brasileiro. In: Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, 13., 2002, Ouro Preto. **Anais...** Ouro Preto: NEPO/UNICAMP. P. 1-17. Disponível em <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/GT_TRB_PO61_Almeida_texto.pdf>. Acesso em: 01 maio 2015.

BAENINGER, R.; Rotatividade Migratória: um novo olhar para as migrações no século XXI. In: XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais. 2008. Associação Brasileira de Estudos Populacionais, ABEP. Caxambu. Disponível em <http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2008/docsPDF/ABEP2008_1254.pdf> Acesso em 27 outubro 2015.

BORJAS, G.; **Economia do Trabalho**. Editora Makron Books. 2012.

CAMARGO, J. M.; REIS, M. C.; Desemprego: o custo da desinformação. *Revista Brasileira de Economia*. Volume 59. N°3. Rio de Janeiro. Jul-Set 2005. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-71402005000300003&script=sci_arttext&tlng=pt#nt01> Acesso em 07 fevereiro 2016.

CASARI, P.; NEVES, P. C. S. Inserção do migrante e do não migrante no mercado de trabalho da região Centro-Oeste em 2010. In: XIV Encontro da Associação Brasileira de Estudos do Trabalho. 2015. Campinas – SP. **Anais**. Campinas: ABET.

CUNHA, J.M.P. **Migração no Centro-Oeste Brasileiro: as tendências e características do período 1986/96**. *A Migração no Centro-Oeste Brasileiro no Período 1970/96: o Esgotamento de um Processo de Ocupação*, São Paulo, Unicamp, pag. 88-128, 2001. Disponível em: <http://www.nepo.unicamp.br/textos/publicacoes/livros/migracao_centro/03pronex_03_Migracao_no_Centro-Oeste.pdf> Acesso em 26 outubro 2015.

CUNHA, J. M. P.; DEDECCA, C. S. Migração e trabalho na região metropolitana de São Paulo nos anos 90: uma abordagem sem preconceito. **Revista brasileira de estudos de população**, v.17, n.1/2, jan./dez. 2000.

EHRENBERG, R.G.; SMITH, R.S. **A moderna economia do trabalho**: teoria e política pública. Editora Makron Books. 2000.

FILHO, N. A. M.; MENDES M.; ALMEIDA E. S. O diferencial de salários formal informal no Brasil: segmentação ou viés de seleção?. *Revista Brasileira de Economia*. Volume 58. N°2. Rio de Janeiro. Abr-Jun 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-71402004000200005&script=sci_arttext> Acesso em 07 fevereiro 2016.

GOLGHER, A. B. **Fundamentos da migração**. Belo Horizonte, MG: UFMG/CEDEPLAR, 2004. (Texto para discussão 231). Disponível em: <<http://www.cedeplar.face.ufmg.br/pesquisas/td/TD%20231.pdf>> Acesso em: 02 maio 2015.

JUTTEL, Luiz Paulo. Norte e Centro-Oeste, novos pólos de migração. *Cienc. Cult.*, vol.59, n.4, pp. 10-11, 2007. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252007000400005&script=sci_arttext> Acesso em: 03 maio 2015.

OLIVEIRA, L.A.P.; OLIVEIRA, A.T. R. **Reflexões sobre os deslocamentos populacionais no Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 2011. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv49781.pdf>> Acesso em: 01 maio 2015.

PRIORI, A., et al. História do Paraná: séculos XIX e XX [online]. Maringá: Eduem, 2012. O Território Federal do Iguaçu. pp. 59-74. ISBN 978-85-7628-587-8. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/k4vrh/pdf/priori-9788576285878-06.pdf>> Acesso em 01 novembro 2015.

SILVA, A. F. Migração e crescimento urbano: uma reflexão sobre a cidade de Natal, Brasil. *Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*. Universidad de Barcelona [ISSN 1138-9788] Nº 94 (74), 1 de agosto de 2001. Disponível em <<http://www.ub.edu/geocrit/sn-94-74.htm>> Acesso em 01 novembro 2015.

MONTAGNER, P.; BRANDÃO, S. M. C. Mercado de trabalho e migração na Grande São Paulo. *Revista São Paulo em Perspectiva*. Fundação Seade. Volume 10. nº.2. Págs 42-53. Abr-Jun 1996. Disponível em <http://produtos.seade.gov.br/produtos/spp/v10n02/v10n02_07.pdf> Acesso em 30 outubro 2015.

JANUZZI, P. M. Migração e mobilidade social: Migrantes no mercado de trabalho paulista. São Paulo: Editora Autores Associados, 2000. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=9j2B3bkYb0gC&oi=fnd&pg=PA5&dq=migra%C3%A7%C3%A3o+mercado+de+trabalho+sul&ots=u_ez9WT94r&sig=nSZ0ZjhdCDpRbd3yrrlFR4N9YU4#v=onepage&q=migra%C3%A7%C3%A3o%20mercado%20de%20trabalho%20sul&f=false> Acesso em 14 novembro 2015.

MUNIZ, J. O. Um ensaio sobre as causas e características da migração. Mimeo, 2002. Disponível em <http://www.ssc.wisc.edu/~jmuniz/ensaio_migracao.pdf> Acesso em 19 novembro 2015.

RIBEIRO, L. L.; CORREA, M. V. Migração e seleção: Evidências para o Centro-Oeste brasileiro. **Revista Economia Ensaios**, Uberlândia, v. 24, n. 1, p. 01-13, 2009.

EDITORIAL

**FACE – Faculdade de Administração,
Ciências Contábeis e Ciências
Econômicas**

Curso de Ciências Econômicas

Direção FACE

Prof. Moisés Ferreira da Cunha

Vice-Direção FACE

Prof^ª. Andrea Freire de Lucena

**Coordenação do Curso de Ciências
Econômicas**

Prof. Tiago Camarinha Lopes

**NEPEC – Núcleo de Estudos e Pesquisas
Econômicas**

Coordenação

Prof. Sérgio Fornazier Meyrelles Filho

**SÉRIE DE TEXTOS PARA
DISCUSSÃO DO CURSO DE
CIÊNCIAS ECONÔMICAS DA UFG**
Coordenação e Equipe de Editoração

Prof. Sandro Eduardo Monsueto

Adriana Moura Guimarães

Matheus Henrique de Araújo Dutra

Endereço

Campus Samambaia, Prédio da FACE –
Rodovia Goiânia/Nova Veneza, km. 0 –
CEP 74690-900, Goiânia – GO.
Tel. (62) 3521 – 1390

URL

<http://www.face.ufg.br/economia>

Publicação cujo objetivo é divulgar resultados de estudos que contam com a participação de pesquisadores do NEPEC. As opiniões contidas nesta publicação são de inteira responsabilidade do(s) autor(es), não representando necessariamente o ponto de vista do NEPEC ou da FACE/UFG. É permitida a reprodução, desde que citada a fonte.